

# DIREITO DO SIMULACRO<sup>1</sup>

## LAW OF THE SIMULACRUM

Miroslav Milovic<sup>2</sup>

*In Memoriam*

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.189>

**RESUMO:** Inspirado na crítica de Lacan e Deleuze à psicanálise, o artigo analisa a ética vinculada ao desejo e a afirmação da potência. O enfoque primordial é entender a ética como processo da dinâmica permanente da imanência da vida e o desejo como ato revolucionário. Ao final, fica explícita uma diagnose da sociedade capitalista, capturada pela lógica econômica, e a necessidade de uma ruptura interligada à diversidade de devires.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lacan, Deleuze, ética, Anti-Édipo, devir.

**ABSTRACT:** Inspired by Lacan and Deleuze's critique of psychoanalysis, the article analyzes ethics linked to desire and the affirmation of potency. The primary focus is to understand ethics as a process of the permanent dynamics of the immanence of life and desire as a revolutionary act. In the end, it makes explicit a diagnosis of capitalist society, captured by economic logic, and the need for a rupture linked to the diversity of becoming.

**KEYWORDS:** Lacan, Deleuze, ethic, Anti-Oedipus, become.

## Introdução

Hoje ainda podemos falar sobre o sujeito? A importância da psicanálise está ligada a elaboração dessa questão. Toda a tradição, mesmo sem colocar a pergunta do Sujeito de uma maneira

1 O presente texto faz parte do projeto “Direito como potência”. No segundo semestre de 2018, Miroslav Milovic ministrou o curso “Direito dos nômades - Acontecimento e Multiplicidades em Deleuze” na UnB. Este texto é o resumo do Curso. Foi escrito em dezembro de 2018.

2 Graduado em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Belgrado, doutorado de Estado em Filosofia na Universidade de Paris IV (Paris-Sorbonne) e doutorado em Filosofia na Universität Frankfurt (Johann-Wolfgang-Goethe). Foi Professor Titular do departamento de Direito da Universidade de Brasília e do programa da pós-graduação em Metafísica, UnB, atuava principalmente nos seguintes temas: filosofia contemporânea, ética e direito, filosofia moderna e filosofia política.



explicita, fala sobre uma relação consciente com o mundo. Num momento, na época moderna essa consciência vai se articular como a pergunta explícita sobre o Sujeito. Mas, é possível falar sobre algo além da consciência, é possível falar sobre o inconsciente? Na tradição a questão da consciência fica também relacionada com as possibilidades linguísticas de articular a relação com o mundo. A linguagem, fica assim, sempre representativa? E ainda mais, essa linguagem revela o próprio inconsciente? São as perguntas iniciais para entender a psicanálise.

Desde a tradição grega a gente entende o pensamento como o caminho para chegar até as estruturas comuns das coisas. O verbo grego *sumválo* (Συμβαλλω) indica essa aproximação ao universal. O verbo contrario *diaválo* (Διαβαλλω) indica o caminho oposto, de se afastar do universal e de se aproximar as contingências particulares onde, inclusive, se perde a verdade sobre mundo. Por isso, *diaválo* é uma tentativa perigosa, abandonando o universal em nome das contingências. A palavra diabo vai aparecer por aqui, ligada ao verbo *diaválo*. Desde o início da nossa cultura estamos, então assim representando e simbolizando o nosso mundo, chegando até as estruturas indenitárias dele. A nossa realidade é uma construção simbólica.

Poderíamos entender a tentativa de Lacan de se confrontar com essa leitura. A gente não representa o mundo, o primado dentro da linguagem não é do significado. O que importa é o próprio significante que não chega até uma representação do mundo. Com outras palavras a linguagem não chega até a realidade. Sujeito fica assim alienado, de uma certa maneira, de si mesmo, do seu próprio mundo. Ele é falta.

## **Desejo: sujeito do inconsciente**

Essa falta vai reaparecer nas leituras freudianas sobre a subjetividade. Freud está seguindo Nietzsche, encontrando no fundo da subjetividade as estruturas que o subvertem. Neste sentido Freud fala sobre o desejo. O desejo é o sujeito do inconsciente. Desejo vira, poderíamos dizer, o cogito freudiano, o ponto da referência. E o que está na origem dele? Vimos que a linguagem não chega até os objetos, os objetos do desejo também. Lacan, por aí, volta para as perguntas do idealismo alemão, iniciadas com Kant.

O que está no fundo da nossa relação com o mundo, o que é a coisa em si? Para Kant a Coisa é quase uma experiência negativa, ligada aos pressupostos iniciais do conhecimento que só sujeito pode elaborar

chegando até o conhecimento. Para Hegel, a Coisa tem a estrutura da negação que se supera no caminho histórico. Essa experiência negativa da coisa se transforma na experiência da coisa como negatividade, poderíamos dizer com Žizek.<sup>3</sup> Lacan parece, está seguindo essa implícita teleologia hegeliana do sujeito como falta, do desejo como falta, do desejo que se aproxima as possibilidades da própria significação. A preocupação dele é hegeliana também. Enquanto Hegel fala sobre a possibilidade da história ou como o ser humano entra na história, Lacan se pergunta como cada um de nós entra na história, no espaço simbólico. A resposta é pela castração e o abandono de uma realização imaginária dos desejos. Sacrificar, proibir a satisfação imaginária implica a aparição do desejo. A ordem simbólica, as leis criam os desejos. A lei nos deixa acreditar que o Real do desejo, o impossível, existe e que podemos reencontrá-lo.<sup>4</sup> Porque, no final das contas, proibir algo que nem existe?

No Seminário 7 Lacan vai se confrontar com as leituras éticas que escondem essa castração em nome de uma harmonia e do universal. Como nessa situação voltar para o particular, para o diferente? Lacan por aqui entendeu o próprio projeto da psicanálise no sentido de uma forte crítica ao capitalismo também. Enquanto o capitalismo articula o consumo sem fim, Lacan acha que a gente nunca compra o que a gente deseja. Desejo é a falta.

O *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari é uma forte confrontação com essa reconstrução psicanalítica do nosso desejo. O inconsciente não é necessariamente edipizado, quer dizer determinado pelo simbólico. A possibilidade de nos entender não é só neurose, mas psicose também. Deleuze e Guattari pegam aqui o exemplo do esquizo. Ele é um rebelde e uma confrontação com a ordem familiar. E vem algo mais. Para psicanálise, na psicose o inconsciente não pode ser articulado. A psicose se confronta com a simbolização.<sup>5</sup> Por isso o Real nas leituras de Lacan aparece como uma experiência negativa, quase hegeliana, como vimos. Para Deleuze e Guattari o projeto é outro. Real em todo seu brilho, em toda sua transparência, em toda sua potência! Este é o projeto do Anti-Édipo. A psicanálise não vai aparecer só como uma teoria falsa do desejo, mas como

3 Žizek, S., *Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia*, Rio de Janeiro, 1991, p. 130

4 Stavrakakis, Y., *Lacan and the Political*, London, 2005

5 Smith, D., *Deleuze and the Question of Desire : Toward an Immanent Theory of Ethics*, Ed.: Jun, N, D., Smith, D., (ed.) *Deleuze and Ethics*, Edinburgh, 2011, p. 126

uma teoria que acompanha o capitalismo. Ou melhor dizer como uma das últimas ajudas ao capitalismo.

É possível, então, pensar a diferença? Com essa pergunta começa a filosofia de Gilles Deleuze e se radicaliza com os posteriores trabalhos com Felix Guattari. Neste caminho Spinoza e Nietzsche são as primeiras tentativas de se confrontar com o niilismo da cultura e de afirmar a vida. A vida que sempre ficou marginalizada pelas visões do ser verdadeiro, encontra em Spinoza e Nietzsche suas primeiras afirmações. Deleuze, assim, vai compreender o eterno retorno nietzschiano não como o retorno do mesmo, das culturas identitárias, mas como o retorno do diferente, do particular, do simulacro. No início era simulacro – são as palavras de Clossowski sobre Deleuze, sobre essa imanência da vida. “Tudo o que eu escrevi era vitalista”, fala Deleuze.<sup>6</sup>

### **Desejo: imanência da vida**

A psicanálise despertou as esperanças neste contexto, provocando as discussões sobre a produção do inconsciente. Mas ela rapidamente fechou as possibilidades do próprio projeto colocando em nos os novos elementos repressivos. O desejo é falta, vimos. Não falta nada no desejo. Isso é a leitura do Anti-Edipo contra psicanálise.

O desejo não tem objetos, continua por aqui a leitura de Spinoza. Desejo não está seguindo uma certa teleologia que articula o sentido da nossa vida sempre fora dela. Ele é imanência da própria vida. O corpo dele deste desejo se chama Corpo sem Órgãos. “Seus inimigos não são órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo.”<sup>7</sup> O Corpo sem Órgãos afirma os rizomas, e não uma teleologia ligada às raízes e árvores. “Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito.”<sup>8</sup> Essa articulação rizomática dos desejos ajuda talvez de responder a uma das críticas contra Deleuze: O que significa desejar o mal? O início da resposta está em Spinoza. O livro dele que fala basicamente sobre a substância tem o título *Ética*. Spinoza assim quer dizer que onde aparecem os poderes negando a potência da substância, aparece *Ética* nos voltando para nossa própria natureza e a reafirmação

6 Deleuze, G., *Pourparlers*, Paris, 1990, p. 196

7 Deleuze, G., Guattari, F., *Mil Platôs*, Vol. 3, São Paulo, 2015, p. 24

8 *Ibid.*, vol. 1, São Paulo, 2017, p. 34

da potencia. Ética de Spinoza se relaciona com a compreensão da nossa própria natureza. Deleuze poderia dizer que desejar mal não afirma a possibilidade de produzir as diferenças, mas de impor as identidades. Neste contexto volta também e a questão posterior da jurisprudência. Diferença que produz diferenças – este é o projeto que chega até o direito.

Essa imanência da vida que se manifesta aqui e agora se chama *haecceidade*. Ligada aos indivíduos e não aos sujeitos. Ligada as multiplicidades do aqui e agora. Fica assim aberta a pergunta se em Deleuze e Guattari ainda podemos falar sobre os sujeitos. Com a pergunta sobre os sujeitos Hegel e Marx já chegam a uma teoria social. Deleuze e Guattari sempre foram marxistas, fala Derrida.<sup>9</sup> Mas, como continua neste contexto o projeto marxista? É possível e como uma teoria social em Deleuze e Guattari? Talvez o próprio desejo, ou as máquinas desejanter criam a subjetividade. Vou enfrentar essas perguntas mencionando alguns exemplos da ética, política e direito em Deleuze e Guattari.

No prefácio da edição americana do *Anti-Edipo* Foucault fala que se trata de um livro profundamente ético. A ética do livro, me parece, está seguindo a diferença que Spinoza está fazendo entre a ética e moralidade. Enquanto a moralidade nos liga aos valores transcendentais, se aproximando a uma deontologia, ética trata de uma imanência da própria vida, da ontologia dela. Ética é da imanência Neste ponto poderíamos talvez resgatar algo da discussão sobre a psicanálise ainda. No Seminário 20 Lacan voltando talvez para uma crítica das éticas do passado, afirma o tema da heteridade. A mulher por exemplo, fala ele, não se identifica com a ordem simbólica. "... a sempre uma coisa nela que escapa ao discurso."<sup>10</sup> Isso é o signo de uma confrontação psicanalítica com as culturas identitárias? Talvez. Vou voltar para este assunto um pouco depois falando sobre um dos conceitos mais importantes de Deleuze e Guattari do devir-mulher ligado as questões do direito. Com ele fica mais claro que Lacan, mesmo falando sobre a heteridade, nem supera a cultura da identidade. Com poucas palavras, psicanálise não cria nenhuma alternativa.

O ponto importante aqui é que para Deleuze essa alteridade, ou heteridade, ainda não articula as rupturas com as identidades. Ela talvez recria os novos lugares transcendentais. O transcendental é o problema para ética, nos afasta da própria possibilidade de agir. Até o projeto do impossível, ligado a Levinas e Derrida, não é nada mais do que uma outra

9 Derrida, J., *Il me faudra errer tout seul*, em : *Liberation*, 7.11.1995, p. 38

10 Lacan, J., *O Seminário*, Livro 20, Rio de Janeiro, 2008, 38

articulação da nossa impotência elevada ao infinito.<sup>11</sup> Como, inclusive, chegamos até o ponto, nosso, atual, onde a gente aceita a servidão e escravidão como se fossem a nossa salvação, é a pergunta que perpassa Anti-Edipo. O nosso desejo não é mais nosso. É reificado. Ficou mediado pelo sistema. Do capitalismo que está criando as faltas, repetindo o niilismo cultural. Por isso, capitalismo, sim, é uma anti- produção. Psicanalise, voltando para essa leitura do desejo como falta articula um dos últimos apoios ao capitalismo. Podemos falar até sobre “as núpcias da psicanalise com o capitalismo”.<sup>12</sup>

O capitalismo territorializa, cria novas identidades. Mesmo aparecendo com uma dinâmica da produção volta para as identidades dominadas pela lógica mercantil. Por isso, o projeto fica desterritorializar os fluxos, criando assim as possibilidades da afirmação das diferenças. Projeto anunciado por Heidegger e radicalizado por Derrida volta, podemos repetir, como a ideia da diferença que produz outras diferenças. Um projeto nômade que não recria os territórios. Por isso Mil Platôs se entende como um projeto nômade, como um tratado sobre a nomadologia.

Se sabe, que no livro sobre Paulo, Badiou fala sobre a necessidade de um universalismo militante hoje. Superar as diferenças encontrando a verdade delas. O sistema, segundo Badiou, fragmentariza, produz diferenças para nos afastar do universal. A verdade é de todos. Só que neste sentido Badiou já tem como o pressuposto algo que ainda não se afirmou- o próprio conceito da diferença. Enquanto Deleuze fala sobre uma produção das multiplicidades, da diferença Badiou já inicia as leituras sobre o capitalismo pensando como superar as diferenças.<sup>13</sup> Mas, como, no final das contas, superar algo que ainda nem se realizou?

Deterritorialização e não subjetivização. Diferença e não criação das novas identidades. Repensar o capitalismo não ligado só a uma leitura econômica, mas a questão do desejo. Desejo é revolucionário.<sup>14</sup> Desejo como algo atrás das identidades, incluindo as identidades subjetivas. O Anti-Edipo ficou assim a continuação da rebelião de 1968. Um dos pontos importantes do movimento estudantil de 1968 foi o ponto da ruptura com a lógica da economia.<sup>15</sup> O marxismo de Deleuze e Guattari não pode ser

11 Smith, D., *ibid.*, loc.cit

12 Deleuze, G., Guattari, F., *O Anti-Édipo*, São Paulo, 2014, p. 444.

13 Zukauskaitė, A., *Ethics between Particularity and Universality*, Em : Jun, N, D., Smith, 9ed.) *Deleuze and Ethics*, Edinburgh, 2011, p.204

14 Deleuze, G., Guattari, F., *ibid.*, 158

15 Lazzarato, M., *The Concepts of Life and the Living in the Societies of Control*, Em :

confundido com o dogmatismo do comunismo, por exemplo, onde os novos planos e programas históricos, a nova teleologia poderíamos dizer, negam a dinâmica e a produção da diferença. O comunismo não escapou da metafísica da identidade. Essa dinâmica é o que Deleuze sempre quer articular no plano social, o que a direita sempre negou como a possibilidade e que a esquerda deformou com uma nova estática da história.

Como a ética e política direito também é um processo da dinâmica permanente. Da invenção dos novos direitos. Neste ponto Deleuze fala sobre o direito no sentido da jurisprudência. Mudar as identidades, se abrir para as experiências nômades, para diferença. Direito, fala Lapoujade, “não consiste em legitimar o que existe, mas em fazer existir o que não tem legitimidade, o que ninguém vê nem ouve.”<sup>16</sup> Direito do simulacro. Do que não representa. Do que não se mostra só como a parte do universal. Assim aparecem devir-mulher, devir-animal, devir-negro... Questionamento das identidades. Assim, devir mulher fica como devir dos próprios homens. Vimos que em Lacan a heteridade aparece ligada as mulheres. Mas, isso acontece só por causa de mulher não ter falo e assim escapar, de uma certa maneira, da ordem simbólica. Heteridade em Lacan tem, assim, como o pressuposto a identidade, a identidade do corpo. Enquanto, em Deleuze, devir-mulher fica o projeto para os próprios homens de repensar a própria identidade, em Lacan devir-mulher não aparece nem como o projeto para as mulheres.

Me lembro que uma vez Michel Foucault articulou a esperança de que o século XX seria chamado o século deleuziano, mas isso não aconteceu. É também um grande recado para Brasil, eu acho. Os novos lugares do pensamento são as zonas tropicais e não as zonas temperadas, vai dizer Deleuze no livro sobre Nietzsche.<sup>17</sup> Talvez nessas zonas tropicais tenham que se procurar as alternativas do mundo. O futuro do Brasil não é seguir as mediocridades e os caminhos estabelecidos e metafísicos da globalização. Isso seria até muito estranho – um país tão grande fica como uma pequena nota de rodapé na história. Futuro existe só se algo novo se abre, se se afirma a diferença, se se afirma a vida. Só assim o futuro do Brasil pode ser este caminho deleuziano que Foucault tanto esperava.

---

Fuglsang, M., Sorensen, B., M., Deleuze and the Social, Edinburgh, 2006, p. 189

16 Lapoujade, D., Deleuze, os movimentos aberrantes, São Paulo, 2015, p. 275

17 Deleuze, G., Nietzsche et la philosophie, Paris, 1962, pp.125-6

## Referências

- Deleuze, G., Nietzsche et la philosophie, Paris, 1962
- Deleuze, G., Pourparlers, Paris, 1990
- Deleuze, G., Guattari, F., O Anti-Édipo, São Paulo, 2014
- Deleuze, G., Guattari, F., Mil Platôs, Vol. 1-5, Sao Paulo, 2017
- Derrida, J., Il me faudra errer tout seul, em : Liberation, 7.11.1995
- Fuglsang, M., Sorensen, B., M., Deleuze and the Social, Edinburgh, 2006
- Jun, N, D., Smith, 9ed.) Deleuze and Ethics, Edinburgh, 2011
- Lacan, J., O Seminario, Livro 20, Rio de Janeiro, 2008
- Lapoujade, D., Deleuze, os movimentos aberrantes, São Paulo, 2015
- Stavrakakis, Y., Lacan and the Political, London, 2005
- Zizek, S., Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia, Rio de Janeiro, 1991